

O LUGAR DA MÚSICA: A MÚSICA COMO POTENCIALIDADE NO ENSINO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS

Jean Lucas da Silva Brum*
Adriano Oliveira da Silva**

RESUMO

Este artigo visa introduzir o debate da música como recurso pedagógico para o ensino em Geografia, utilizando como recorte teórico as representações veiculadas pela música na abordagem do conceito de lugar. Deste modo, em um primeiro momento, buscamos realizar uma análise crítica sobre o conceito de lugar na Geografia, destacando como diferentes perspectivas teóricas trabalham sobre este conceito, além de observar como este surge no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Procuramos ainda delimitar a temática da música enquanto recurso pedagógico capaz de potencializar o processo de ensino-aprendizagem em geografia, encarando-a como uma forma de linguagem capaz de produzir visões diversas sobre o espaço geográfico. Para tanto, foram escolhidas como objeto de estudo as músicas “Meu lugar”, do compositor Arlindo Cruz, e “Aquilo sim, que vidão”, de Luiz Gonzaga, partindo do reconhecimento da relevância de tais canções para a questão levantada.

Palavras-chave: Música. Lugar. Ensino de Geografia.

1 INTRODUÇÃO

“O Rio de Janeiro é um *lugar* agradável”, “Como faço para chegar nesse *lugar*?”, “Ponha-se em seu *lugar*!”, “Como saberei se esse *lugar* é seguro?”, esses são apenas alguns dos usos que a palavra *lugar* pode assumir em nosso dia-a-dia. Mas que uma simples abstração conceitual, lugar se refere à concretude, está presente em nosso cotidiano, moldando perspectivas e práticas sociais. Quando colocamos a questão “Como faço para chegar nesse lugar?” revelamos o caráter de posicionamento e particularidade que este conceito assume; “este” lugar não é o mesmo que “aquele” lugar. Entretanto, lugar é mais que simples posicionamento ou localização espacial. “O Rio de Janeiro é um lugar agradável”, “Como saberei se esse lugar é seguro?”, aqui lugar revela algo a mais, atribui-se a ele uma característica, um significado, extrapolando a ideia de uma simples localização objetiva. “Ponha-se em seu lugar!” a expressão imperativa destacada revela que lugar é mais que

* Mestrando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: jeanbrum@id.uff.br

** Graduado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: velhooliveira@live.com

simplesmente materialidade espacial, entendida como um substrato físico, ele se refere também a conteúdos socioculturais, assumindo um caráter imaterial. O “paraíso” cristão não existe no espaço físico/material, mas nem por isso deixa de ser um lugar. Lugar, em sua acepção mais difundida, se refere a todo e qualquer espaço dotado de valor simbólico para um indivíduo ou grupo, valor conferido através da experiência vivida entre sujeito e espaço (TUAN, 1983).

A música, enquanto uma forma particular de linguagem, assim como as demais artes, possui a capacidade de expressar visões diversas de mundo e, como uma produção cultural, pode ser vista e compreendida a partir da ótica da espacialidade (CORREA; ROZENDAHL, 2009). A música está presente praticamente em todas as sociedades conhecidas, está presente nos aparelhos estéreos em nossa casa, nos edifícios comerciais, nas salas de espera, nos filmes, na televisão (KONG, 2009). Ela desperta, mesmo que sutilmente, desejos e emoções, acompanhando grande parte de nossas práticas cotidianas. Como forma de linguagem, a música é capaz de veicular uma série de imagens sobre espaços diversos, representados na letra, melodia ou ritmo que a compõe, funcionando como um signo cultural (HALL, 1997). Por tais razões a música pode ser uma fonte para se compreender o caráter e identidade de lugares (KONG, 2009).

A música, de maneira ainda muito tímida, vem sendo explorada no processo de ensino-aprendizagem de categorias propriamente geográficas. Muito dessa “timidez” no trabalho com a música como objeto de ensino se deve ao peso que as características materiais do espaço assumiram historicamente na compreensão da geografia, acadêmica e escolar, onde as formas espaciais se sobrepunham aos complexos processos de significação que permeiam o espaço geográfico. Contudo, a inserção da música no meio social por si já revela a potencialidade que esta forma de linguagem pode assumir nas aproximações entre ensino e geografia.

O objetivo deste artigo é introduzir, mesmo que de maneira breve, o debate entorno da música enquanto recurso pedagógico para o ensino em geografia, utilizando como recorte teórico as representações veiculadas pela música na abordagem do conceito de lugar. Pretendemos, deste modo, contribuir para o estudo do ensino de categorias geográficas a partir do reconhecimento de distintas formas expressão cultural, como é o caso da música, visando ainda reforçar os debates em torno do conceito de lugar e sua centralidade na reflexão das dinâmicas sociais no meio escolar.

2 O ENSINO DE LUGAR

Lugar sempre foi um conceito central em geografia, embora, durante um longo tempo, sua definição tenha permanecido atrelada à ideia de localidade (HOLZER, 2003). A geografia clássica francesa exerceu uma forte influência na difusão deste significado locacional de lugar, ideia bastante presente em Vidal de La Blache, ao destacar a singularidade das regiões em algumas de suas análises, e afirmar, emblematicamente, que a geografia é a ciência dos lugares e não dos homens (HOLZER, 1999). Durante este período, a geografia era caracterizada, sobretudo, como uma disciplina descritiva e idiográfica que enfatizava regiões e lugares enquanto indivíduos particulares e discretos, dotados de um caráter único (LE BOSSÉ, 2004), fazendo com que, até a segunda metade do século XX, o conceito de lugar fosse utilizado para se referir a pontos específicos no espaço.

Ao longo das décadas de 60 e 70, a ciência geográfica passou por um processo de renovação paradigmática, o que se refletiu na maneira de trabalhar o conceito. Neste período, correntes filosóficas tais como o materialismo histórico-dialético e a fenomenologia, até então negligenciadas pela Geografia, ganham um papel de destaque nos estudos geográficos. Muito do que hoje se entende por lugar se deve aos esforços da chamada Geografia Humanista que, com base nas filosofias do significado, em especial a fenomenologia, promoveu uma ressignificação deste conceito, unindo-o às perspectivas da experiência, da intersubjetividade, dos sentimentos, da intuição (CORRÊA, 1999). Autores como Tuan, Relph e Buttimer, principais precursores dos estudos fenomenológicos em geografia, exerceram uma forte influência na reflexão desta noção de lugar. Segundo Tuan (1983, p. 4), “os lugares são centros aos quais atribuímos valor”, “é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas” (TUAN, 2011, p. 8), “ele é uma entidade única, um conjunto ‘especial’” (TUAN, 1979; apud HOLZER, 1999, p. 70). O lugar, nesta concepção, seria produto da experiência intersubjetiva entre indivíduo/grupo e o espaço geográfico, constituindo-se a partir da vivência cotidiana como um centro de significados, centro edificador da própria existência e essência do indivíduo (HOLZER, 2011). O lugar, sobre esta ótica, “é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo” (RELPH, 2012, p. 29). Nesta perspectiva, lugar pode ser considerado como um espaço conhecido, a partir da vivência cotidiana, um centro reconhecido de valor, dotado de carga simbólica. A casa, como espaço de moradia, pode servir como um interessante exemplo do que se vem argumentando. No plano objetivo a casa nada mais é do que uma estrutura

construída para a habitação, com a função de produzir proteção aos seus habitantes, contudo, no plano simbólico a casa pode ter inúmeras significações, pode significar conforto, repouso, acolhimento, segurança, ou mesmo o contrário, insegurança, medo, desconforto, em todo o caso, atribui-se um significado que vai além de sua função prática, o espaço, indeterminado, se torna lugar.

Uma das mais importantes críticas à perspectiva de lugar humanista se encontra na clássica obra de Doreen Massey, *A Global Sense of Place*. Criticando noções que indicam uma diluição dos lugares, em função do processo de homogeneização pelo capital global, e aquelas que consideram o lugar em termos reacionários, como um refúgio seguro às transformações frente às dinâmicas de fluidez do mundo contemporâneo, Massey propõe pensar o lugar enquanto articulações de redes sociais, políticas e econômicas mais amplas, incorporando e integrando ao mesmo tempo processos globais e locais, sem excluir um ou outro (MASSEY, 2000). Rejeitando a ideia de que o que confere a um lugar sua especificidade seja uma história longa e internalizada, transformando-o num conceito atemporal e estático, a autora aponta o fato de que o lugar se constrói a partir de uma “constelação” particular de relações sociais que se encontram num lócus específico, imaginando-o, assim, “como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais” (Ibidem, p. 184). Assumir esta ótica implicaria, antes de tudo, rejeitar a noção de lugar como produtor de uma identidade generalizadora, enquanto fechamento, como se já estivesse acabado, ao invés disso, seria preciso entender o lugar a partir das mais diversas relações e processos que o constituem, imaginá-lo como não delimitado por fronteiras, não definido em termos de exclusividade, não produtor de uma identidade única, em constante transformação e negociação das partes que o constroem (MASSEY, 2009).

Tais considerações, apesar de breves, mais do que revelar a polissemia que o termo “lugar” adquire dentro do pensamento geográfico, indica a importância que se tem em considera-lo como um conceito capaz de elucidar uma série de questionamentos, a fim de uma melhor compreensão das dinâmicas do tempo-espaço contemporâneo.

No ensino de geografia, a abordagem sobre tal conceito está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), sendo trabalhado junto ao 3º ciclo (atuais 6º e 7º anos), encarado como um conceito central na compreensão das dinâmicas do mundo vivido dos alunos, além de se constituir como uma ferramenta na aproximação de questões que abarquem as relações de afetividade e imaginário dos alunos sob a perspectiva espacial. Ao integrar as duas visões sobre lugar destacadas, uma humanista, focada nos aspectos propriamente

simbólicos do espaço, e outra, pós-estruturalista, reconhecendo a importância de redes mais amplas que atuam sobre o lugar, abre-se aos alunos um conceito capaz de articular geograficamente seus conhecimentos sobre imaginários e práticas de seus espaços cotidianos. Outra implicação em assumir tal posicionamento teórico é quebrar com o padrão de ensino linear em termos de escalas espaciais, constituindo uma barreira para a compreensão da interconexão de processos multiescalares. Antes disso, o que propomos é uma abertura para o entendimento do lugar enquanto multiescalar, envolvendo tanto processos locais, quanto regionais e globais, fornecendo aos alunos uma ferramenta teórica para a interpretação do mundo cotidiano em sua complexidade espacial.

3 A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Formada a partir da combinação de som, ritmo, melodia e harmonia, a música, enquanto um produto cultural tem a capacidade de reproduzir e transmitir significados diversos, se caracterizando, assim, como uma forma específica de linguagem. A música está em toda parte; ela é um elemento presente em praticamente todas as sociedades conhecidas, participando da própria evolução histórica destas sociedades; na Grécia Antiga, onde era vista como um meio de disciplinar e civilizar a população, ou mesmo na Idade Média, associada a ritos religiosos, são apenas alguns exemplos de sua atuação na evolução das sociedades europeias (TONELLO; FERREIRA, 2012). Ela é usada em diversas práticas sociais contemporâneas, transmitindo uma série de significados e ideologias; em rituais religiosos e cívicos, em tratamentos medicinais, em reuniões sociais, festas e uma variedade de atividades cotidianas.

Por seu potencial em incorporar uma diversidade de temas em suas formas de reprodução, a música pode servir como um interessante recurso pedagógico no trabalho com determinadas temáticas disciplinares, conforme Tonello e Ferreira (2012) apontam:

A música pode revelar como o indivíduo vê a sociedade em que vive e é a partir da análise das letras e da expressão corporal que o aluno pode demonstrar a visão que tem do mundo e dos valores humanos. Não somente isso, a música pode ser o ponto de partida para a busca de inúmeras informações e valorização da cultura de um povo. (Idem, p. 35).

Nesta perspectiva, a música pode apresentar, na composição das letras, elementos espaciais diversos, veiculando representações que influenciam as formas de se pensar e experienciar o espaço. Por este mesmo motivo, a música tem a capacidade de servir como importante recurso pedagógico no ensino de geografia. Ela pode, por exemplo, revelar

identidades culturais, regionalismos, territorialidades e sentidos de lugar a serem assimilados pelos estudantes que a escutam, modificando assim a própria perspectiva dos estudantes sobre sua realidade espacial, transformando essa forma de linguagem em uma ferramenta para se trabalhar conceitos e categorias geográficas. Por sua inserção no cotidiano social dos estudantes, a música se caracteriza como uma linguagem atrativa no processo de ensino-aprendizagem, se tornando uma ponte de mediação entre aluno e professor.

A discussão que se segue representa um esforço no sentido analisar as potencialidades que a música assume no ensino do conceito de lugar, a partir da seleção de algumas canções que incorporam o tema a ser trabalhado.

4 REPRESENTAÇÕES DO LUGAR NA MÚSICA

Enquanto uma forma de linguagem capaz de expressar o que há de mais subjetivo nos indivíduos, por muitas vezes a música pode veicular sentidos de lugar. Tais sentidos são expressos nas canções, sobretudo, a partir da representação da relação entre compositor e espaço, uma relação marcada pela atribuição de significados ao espaço pelo compositor, ou por quem a música busca retratar. As músicas destacadas a seguir nos fornecem alguns elementos para se pensar esta relação, e como, através da interpretação dos significados na música, podemos introduzir a temática do conceito de lugar no ensino de geografia. Seleccionamos as seguintes canções: *Aquilo sim, que vidão* – de Luiz Gonzaga – e *Meu lugar* – de Arlindo Cruz.

4.1 A dimensão do lugar em “Meu lugar”

Faixa do álbum “Batuques do meu lugar” do cantor e compositor Arlindo Cruz (2012), a música “Meu lugar” se popularizou por fazer parte da trilha sonora de uma telenovela de grande repercussão nacional. A composição (ver Apêndice), apresentada no ritmo de samba, tem como foco central a descrição de um dos mais conhecidos bairros do subúrbio carioca, Madureira. Mais do que simples relatos materiais, a música fornece uma série de elementos para se pensar o caráter simbólico do lugar cantado. Entretanto, o primeiro aspecto que chama a atenção na canção encontra-se em sua frase inicial, “O meu lugar”, responsável por dar nome à própria composição. Tal expressão carrega consigo uma explícita relação de pertencimento entre compositor e o lugar que retrata na música; o meu lugar não é qualquer

lugar, é o lugar que me pertence e que me sinto pertencido. Por representar um bairro do subúrbio carioca, a música retrata uma série de elementos que o enquadram geograficamente, como seus bairros vizinhos, “*é bem perto de Oswaldo Cruz/ Cascadura, Vaz Lobo, Irajá*”; locais que lhe são característicos, como o Mercado e os bares de esquina, ou mesmo práticas sociais cotidianas, como as rodas de pagode, os jogos populares, “*tem jogo de ronda, caipira e bilhar/ buraco sueca pro tempo passar*”, e jogos de azar, “*E uma fêzinha até posso fazer/ no grupo dezena, centena e milhar*”.

No campo simbólico, a música é carregada de significados que ligam o lugar à aspectos de religiosidade afro-brasileira, como nos versos “*é caminho de Ogum e Iansã*”, “*O meu lugar/ tem seus mitos e seres de luz*” e “*Vó Maria o terreiro benzer*”, revelando como o lugar extrapola os aspectos eminentemente materiais do espaço. A partir da utilização de uma série de adjetivos na descrição do bairro, em vários versos o compositor apresenta, de maneira explícita, uma intensa relação simbólica e afetiva ao lugar retratado. “*O meu lugar/ é cercado de luta e suor/ esperança num mundo melhor*”, “*O meu lugar/ é sorriso é paz e prazer/ o seu nome é doce dizer/ Madureira, lá, laia*”, “*Doce lugar/ que é eterno no meu coração*”. Os trechos destacados revelam o caráter simbólico do lugar na música, e como este assume uma centralidade na experiência cotidiana do espaço.

Outra ideia bastante presente na música remonta um sentimento de memorialismo e saudade, de um lugar o qual o compositor se sente pertencido, porém já não desfruta cotidianamente, apenas através de fragmentos da memória, como representado nos trechos “*Ah que lugar/ a saudade me faz lembrar/ os amores que eu tive por lá/ é difícil esquecer*”, “*Doce lugar/ que é eterno no meu coração*”.

Os elementos levantados na interpretação da música “*Meu lugar*”, de Arlindo Cruz, estão de acordo com as discussões propostas anteriormente sobre lugar; um lugar marcado por relações simbólicas, de significação entre indivíduo e espaço, porém, entrecortado por uma série de relações (econômicas, políticas, culturais) que o extrapolam e o inserem num contexto mais amplo de sua produção.

4.2 A dimensão do lugar em “Aquilo sim, que vidão”

Considerado um dos maiores nomes da música brasileira, Luiz Gonzaga se consagrou pelo som peculiar de sua sanfona, embalando o ritmo do forró, e por suas letras, destacando-se temas como a identidade nordestina, a experiência da migração e a evocação de um

“espírito” do sertão. Na música *“Aquilo sim, que vidão”* (LUIZ GONZAGA, 1994) o compositor leva o ouvinte a se familiarizar com a vida no sertão, se tornando este o lugar da canção (ver Apêndice).

O primeiro aspecto sobre o lugar representado na música, presente mesmo na expressão que lhe dá nome, revela um sentimento de saudade entre o compositor e o espaço representado, um lugar nostálgico que o compositor se sente pertencido, mas que já não vivencia em seu cotidiano. *“Aquilo sim que era vida/ Aquilo sim, que vidão/ Aquilo sim que era vida, seu moço/ A vida lá do sertão”*, uma vida no sertão que o autor recorda através da música. O sertão aí se torna um lugar afastado espaço-temporalmente, como algo perdido pelo compositor, um lugar que ele busca reviver através das lembranças das práticas sociais que mantinha naquele espaço. O compositor apresenta na música uma série de elementos que caracterizam este “vidão” no sertão - “vidão” aqui carregado de significado positivizado, como algo bom, uma vida bem vivida, por isso mesmo o compositor usa a palavra em sua forma superlativa – como nos versos *“Plantava milho, arroz e feijão/ Pescava de linha, lá no ribeirão”* e *“De noite eu me sentava bem juntinho ao fogão/ Rosa trazia o cachimbo, Creuza trazia o tição/ Com a viola no peito, tirava uma canção”*. Essas práticas descritas transmitem um significado de uma vivência bucólica em um ambiente rural, de uma vida com um maior contato com os aspectos naturais do meio, uma relação direta entre homem e natureza, onde impera os ritmos lentos, bem diferente dos ritmos acelerados da vida na metrópole.

Destaca-se na música a significação positiva que o compositor confere ao sertão, distinta de uma visão externa predominante que se tem sobre este espaço, tendendo atribuir ao sertão significados negativos como: seca, fome e pobreza. Tal consideração traz para o debate a importância do ponto de vista dos indivíduos na criação dos lugares, assim como Buttimer discute a partir da utilização de termos como *outsider*, como aquele que representa o lugar a partir de uma visão externa, e *insider*, como aquele que representa o lugar em termos de vivência cotidiana (FERREIRA, 2000; 2002). Neste sentido, o professor de geografia pode trazer este debate de forma a auxiliar os alunos no processo de desconstrução de estereótipos historicamente cristalizados sobre determinados lugares, apresentando como a vivência direta pode moldar os sentidos de lugar e suas significações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos como a música, enquanto uma forma de linguagem com grande inserção no cotidiano social, pode servir como um recurso pedagógico para o trabalho de questões diversas, uma vez que esta se torna uma linguagem mais atrativa aos estudantes do que as linguagens “formais” de ensino. Analisamos ainda suas potencialidades para o ensino de geografia à medida que as músicas, recorrendo à representação de elementos geográficos, reproduzem uma determinada perspectiva sobre o espaço.

A partir das análises das canções selecionadas, discutimos como os compositores, se apropriando de elementos espaciais, representam e veiculam determinados sentidos de lugar através da música. Tanto em “*Meu lugar*”, de Arlindo Cruz, como em “*Aquilo sim, que vidão*”, de Luiz Gonzaga, observamos como os compositores atribuíram distintos significados aos espaços representados nas canções e como a partir das relações simbólicas expressas nas letras podemos pensar a criação de lugares, entendidos a partir da perspectiva humanista, que o define como um centro de valor simbólico reconhecido por um indivíduo ou grupo, mas sem desconsiderar as atuais dinâmicas de um espaço globalizado.

Para o trabalho com a música no ensino do conceito de lugar em geografia, sugerimos como meios didáticos que o professor leve canções aos alunos, como as analisadas neste trabalho, e discutam com eles as dimensões simbólicas e afetivas do espaço. O professor pode ainda propor, como forma de avaliação, que os alunos levem músicas que representem seus lugares para a sala de aula, seja através de letras ou simplesmente ritmos, aproximando, assim, conceitos geográficos às práticas cotidianas dos alunos. Outra interessante forma de avaliação que o professor pode lançar mão é propor aos alunos que estes componham suas próprias músicas, incentivando o processo criativo a partir da criação de letras que representem o sentido de lugar dos alunos, revelando as múltiplas identidades e as distintas perspectivas de lugar perpassam o espaço escolar.

THE PLACE OF MUSIC: THE MUSIC AS A POTENTIALITY IN TEACHING OF GEOGRAPHICAL CONCEPTS

ABSTRACT

This article aim to introduce the debate about the music as a pedagogical resource to be applied on the geography teaching, using as a theoretical framewok the representations utilized by the music to the abordation of the concept of place. In a first moment, we search to realize a critical analysis of the concept of place in geography, giving an attention to how the different theoretical perspectives work with this concept, beyond observing how this is applied on the context of the “National Curricular Parameters”. We researched to delimitate the theme of the music as a pedagogical resource able to potentialize the process of teaching-learning, facing it as a way of language with an expressive presence in the social routine. We choose as objects of study the songs “Meu lugar”, from de composer Arlindo Cruz and “Aquilo sim, que vidão”, from Luiz Gonzaga, according to the relevance of these songs to the theme.

Key-words: Music. Place. Geography Teaching.

REFERÊNCIAS

ARLINDO CRUZ. Meu Lugar. In: _____. **Batuques do meu lugar**. Gravadora: Sony Music. p 2012. CD. Faixa 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CORRÊA, Roberto. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. In: _____. ROSENDAHL, Zeny (Org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 49-58.

_____. Cinema, Música e Espaço: uma introdução. In: _____. **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 7-14.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, nº 9, p. 65-83, 2000.

_____. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 22, n. 1, p. 43-72, 2002.

HALL, Stuart (ed.). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage Publications, 1997.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, 1999.

_____. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **Revista GEOgraphia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.

LUIZ GONZAGA. Aquilo sim, que vidão. Jota Portela e Luiz Gonzaga [compositores]. In: _____. **Sanfona do Povo**. SonyBMG. CD. Faixa 3. (Gravação original em vinil de 1964).

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio (Org). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 176-185.

_____. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

KONG, Lily. Música Popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, Roberto; ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Cinema, Música e Espaço**. EdUERJ, Rio de Janeiro, , 2009 p. 129-175.

LE BOSSÉ, Mathias. As Questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto, ROZENDAHL, Zeny (Org). **Paisagens, Textos e Identidade**. EdUERJ, Rio de Janeiro, 2004, p. 157-179.

RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e a Essência de Lugar. In: MARADOLA JR., Eduardo, HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia (Org). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

TONELLO, Francieli; FERREIRA, Gleison. A música como recurso pedagógico no contexto da educação especial. **Revista Géfyra**, São Miguel do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 31-39, jan./jun 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. **Revista Geograficidade**, Niterói, v. 01, n. 01, p. 8-19, 2011.

Artigo recebido em 25/11/2014 e aprovado em 23/03/2015 para publicação.

APÊNDICE – Composições musicais pesquisadas

MEU LUGAR

Arlindo Cruz

O meu lugar,
é caminho de Ogum e Iansã,
lá tem samba até de manhã,
uma ginga em cada andar.

O meu lugar,
é cercado de luta e suor,
esperança num mundo melhor,
e cerveja pra comemorar.

O meu lugar,
tem seus mitos e seres de luz,
é bem perto de Oswaldo Cruz,
Cascadura, Vaz Lobo, Irajá.

O meu lugar,
é sorriso é paz e prazer,
o seu nome é doce dizer,
Madureira, lá, laiá.
Madureira, lá, laiá.

Ah que lugar,
a saudade me faz relembrar,
os amores que eu tive por lá,
é difícil esquecer.

Doce lugar,
que é eterno no meu coração,
e aos poetas traz inspiração,
pra cantar e escrever.

Ah meu lugar,
quem não viu a Tia Eulália dançar,

Vó Maria o terreiro benzer,
e ainda tem jogo ao luz do luar.

Ah que lugar,
tenho coisas pra a gente dizer,
o difícil é saber terminar,
Madureira, lá, laiá.
Madureira, lá, laiá.

Em cada esquina um pagode um bar,
Em Madureira.
Império e Portela também são de lá,
Em Madureira.

E no Mercado você pode comprar,
por uma pechincha você vai levar,
um dengo, um sonho pra quem quer
sonhar,
Em Madureira.

e quem se habilita até pode chegar,
tem jogo de ronda, caipira e bilhar,
buraco sueca pro tempo passar,
Em Madureira.

E uma fêzinha até posso fazer,
no grupo dezena, centena e milhar,
pelos setes lados eu vou te cercar,
Em Madureira.

Lalalaialalaialalaia, em Madureira
Lalalaialalaialalaia, em Madureira.

AQUILO SIM, QUE VIDÃO
Jota Portela e Luiz Gonzaga

Aquilo sim que era vida
Aquilo sim, que vidão
Aquilo sim que era vida, seu moço
A vida lá do sertão,

Plantava milho, arroz e feijão
Pescava de linha, lá no ribeirão
Domingo saía no meu alazão
Dançava uma valsa lá no matão,

lálálálálálálá, aquilo sim, que vidão,

Aquilo sim que era vida, seu moço
A vida lá do sertão,

De noite eu me sentava bem juntinho ao fogão
Rosa trazia o cachimbo, Creuza trazia o tição
Com a viola no peito, tirava uma canção
De hora em hora tomava um golinho de quentão.